



**EIXO TEMÁTICO:**  
Organização e Representação da Informação e do Conhecimento

## **(RE)ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: A EPSTEMOGRAFIA COMO SOLUÇÃO**

### **KNOWLEDGE (RE)ORGANIZATION: EPSTEMOGRAPHY AS A SOLUTION**

**Pedro Henrique Cremonez Rosa<sup>1</sup>**  
**Antonio Lucio Barizon Filho<sup>2</sup>**  
**Miguel Luiz Contani<sup>3</sup>**  
**Brígida Maria Cervantes Nogueira<sup>4</sup>**

**Resumo:** O conhecimento é resultado das relações humanas com seu ambiente. A produção do conhecimento ocorre a partir da organização de estruturas não racionalizadas em produtos compreensíveis para a cognição humana, por meio de registros. Esses registros, que crescem exponencialmente em volume, necessitam de um tratamento criterioso a fim de ampliar a acessibilidade plena ao que já está produzido. Como forma de organizar esses registros, a Organização do Conhecimento busca criar meios para tornar o conteúdo informacional acessível; ou seja, o conhecimento, com base na natureza desse conteúdo. Como uma ação prática de seleção e alinhamento de características, a Organização do Conhecimento pode, conseqüentemente, ocasionar obstáculos na definição do que é ou não é conhecimento. Este ensaio teórico tem como objetivo refletir sobre a possível divergência nos processos de Organização do Conhecimento e respectivas conseqüências no campo epistêmico.

**Palavras-chave:** Organização do Conhecimento. Representação do Conhecimento. Informação. Conhecimento. Epistemografia.

**Abstract:** Knowledge emerges through the interaction between humans and their environment. It is formed by organizing non-rationalized structures into understandable forms that can be processed by human cognition, through registration. With the exponential growth of these records, it becomes crucial to efficiently manage and make them accessible to others. The field of Knowledge Organization strives to develop methods for facilitating access to informational content, thereby enabling the dissemination of knowledge based on the nature of the content. However, the process of Knowledge Organization, through its selection and alignment of characteristics, may introduce certain challenges and subjective judgments

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (PPGCI/UDEL). E-mail: pedrocremonez@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (PPGCI/UDEL). E-mail: abarizon@gmail.com

<sup>3</sup> Docente no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (PPGCI/UDEL). E-mail: mcontani@gmail.com

<sup>4</sup> Docente no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (PPGCI/UDEL). E-mail: brigidacervantes@gmail.com

that can influence the definition of what constitutes knowledge. This theoretical essay seeks to explore the potential arbitrariness inherent in Knowledge Organization processes and its implications for the epistemology field.

**Keywords:** Knowledge Organization. Knowledge Representation. Information. Knowledge. Epistemography.

## 1 INTRODUÇÃO

A definição de conhecimento é complexa, assim como o determinar a "verdade", segundo Burke (2003), quando distingue informação, dados práticos e específicos (o "saber o quê"), do conhecimento, resultado de reflexão e sistematização (o "saber como"). Essa distinção é relativa, pois o cérebro processa percepções sensoriais. O conhecimento é construído pela coleta de dados, organização como informação e sistematização racional; esse processo gera um atributo acessível, acumulando-se com conhecimentos anteriores. Para esse acúmulo, a organização do conhecimento é essencial, permitindo que os usuários acessem múltiplas contribuições ao longo do tempo. A Organização do Conhecimento é uma ação no sentido de responder às demandas de produção e acumulação contínuas de conhecimento, organizando e disseminando o que já foi produzido. É crucial considerar aspectos intrínsecos, como a definição exata de conhecimento, quem decide o que é considerado conhecimento, e o propósito e público-alvo desse conhecimento. Contudo, é fundamental considerar aspectos intrínsecos à Organização do Conhecimento, tais como: O que determina o que é conhecimento? Quem tem o poder de determinação?

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo configura-se como um ensaio teórico, adotando uma abordagem reflexiva e interpretativa. Conforme proposto por Meneghetti (2011), essa estrutura de estudo envolve a relação entre aspectos quantitativos e qualitativos. Enquanto os primeiros fornecem estruturas científicas para aprofundar o conhecimento sobre um determinado tema, os últimos propõem a análise de aspectos específicos do objeto em estudo. Como categoria crítica, o ensaio teórico vai além da racionalidade instrumental, na busca de repensar os atributos que permeiam o tema analisado,

com o intuito de romper com noções estáticas. Seguindo a perspectiva de Adorno (1986), todos os conceitos em um ensaio teórico devem ser apresentados de maneira que se relacionem com outros conceitos, estabelecendo uma conexão que fortaleça a abordagem proposta, conforme demonstrado neste estudo.

### **3 ORGANIZAÇÃO, EPSTEMÍCIDIO E A EPSTEMOGRAFIA NO CONHECIMENTO**

Fernandez-Molina (1994, p. 328) estabelece uma distinção clara e uma relação entre dados, informação e conhecimento. Segundo o autor, dados são informações potenciais que, quando percebidos pelo receptor, se tornam informações; quando essas informações produzem uma mudança na estrutura de conhecimento do receptor, começam a se converter em conhecimento.

Com base na distinção proposta por Burke (2003) e Fernandez-Molina (1994), e nas características, apresentadas por Fogl (1979), de que o conhecimento é o resultado de um processo de reflexão na consciência humana sobre as leis e propriedades dos objetos e fenômenos da realidade, Medeiros e Café (2009) propõem uma distinção conceitual da Organização do Conhecimento, que se aplica a unidades de pensamento; ou seja, conceitos, e não a registros de informações. O objetivo é construir modelos do mundo que são abstrações da realidade. Em termos de representação, a Organização do Conhecimento ultrapassa o conhecimento expresso por um autor, envolvendo um processo de análise que busca uma visão consensual da realidade. É um modelo de abstração da realidade construído com um propósito específico. Essa definição é apoiada pela concepção de Dahlberg (1993) de que a característica essencial de qualquer organização do conhecimento está baseada em unidades/conceitos. O conhecimento em si não pode ser capturado ou representado além dos conceitos e das diversas combinações possíveis. Os conceitos são compostos por características que servem como base para a construção de sistemas conceituais, como sistemas de classificação.

Com base nessas análises, Medeiros e Café (2009, p. 8) conceituam a Organização do Conhecimento como o procedimento de modelagem do conhecimento, cujo propósito é desenvolver representações do conhecimento. Esse procedimento engloba a análise dos conceitos e suas características, visando estabelecer a posição de cada conceito em um domínio específico, bem como suas

inter-relações com outros conceitos que compõem esse sistema conceitual.

Por um lado, vivemos em um mundo repleto de informações que precisam ser organizadas e "digestas" para se transformarem em conhecimento disponível, como afirmado por Dahlberg (1993). Por outro lado, os processos de Organização do Conhecimento são fundamentados em princípios epistemológicos que tendem a um conhecimento ordenado e elitista (SANTOS, 2007), que exclui diversas contribuições do conhecimento socialmente construído, ao configurar um conhecimento científico em forma de gueto (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2006).

Esses princípios excludentes da Epistemologia geram um fenômeno destacado por Boaventura de Sousa Santos (2007) conhecido como epistemicídio do conhecimento alternativo aos predominantes, os quais são marginalizados como ciência. Segundo Santos (2007), o contexto cultural em que o conhecimento científico está inserido é ambíguo. Por um lado, há a validação de uma ampla diversidade sociocultural que favorece uma pluralidade epistemológica. No entanto, por outro lado, uma das características imbricadas nos preceitos epistemológicos é a crença de que a ciência é o único ponto válido de conhecimento. Essa perspectiva permite consolidar um pensamento científico sólido e criterioso, mas ao mesmo tempo exclui fontes de conhecimento e saberes que não seguem os moldes científicos formais (SANTOS, 2007).

De acordo com Carneiro (2005), o epistemicídio configura-se como um produtor de formas de conhecimento indigentes, inferiores tanto em termos de conhecimento quanto de percepções da realidade. Esse conhecimento, que escapa às diretrizes formais decorrentes da monocultura do conhecimento, é desqualificado, esquecido e negligenciado, assim como seus produtores, considerados sujeitos conhecedores destituídos de razão legítima. Dessa forma, o epistemicídio marginaliza, exclui, nega e deslegitima conhecimentos alternativos à monocultura do conhecimento, que elege o conhecimento científico como o único válido, segregando-o dos grupos marginalizados. Essa monocultura do conhecimento epistêmico reduz a realidade a conhecimentos que possuem validações formais e, conseqüentemente, segrega os grupos que produzem conhecimento alternativo.

Ao longo dos séculos, esse fenômeno de epistemicídio dentro da ciência tem fomentado o desperdício de múltiplas experiências cognitivas que pluralizam perspectivas e visões de mundo. Utilizando o termo Epistemografia Interativa, García Gutiérrez (2006) atribuiu a ela um sentido de valores socioculturais, éticos e

políticos, em uma visão crítica pós-moderna, questionando o debate em torno do conhecimento: conhecimento para quê e para quem? E quem pode validar e determinar diferenças entre conhecimentos, estabelecendo limites entre eles? A partir de uma abordagem epistemográfica, todas as áreas têm o direito de raciocinar e transmitir conhecimento em circunstâncias de direitos e deveres correspondentes precisos.

Na concepção do autor, a epistemografia é definida como "uma configuração transdisciplinar cujo objetivo é a organização horizontal e interativa do conhecimento" (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2006, p.104). Consequentemente, a aplicação prática e diária lida com conceitos familiares aceitos pela Epistemologia Moderna, tais como classificação, ordenação, método, representação, metacognição, entre outros.

O democratismo da epistemografia permite que esta, ao se opor a idealismos e absolutismos (absolutismo relativista), conteste a Epistemologia "[...] a partir de pegadas despercebidas e colaterais: em seus bueiros e esgotos, em seus despojos e contradições" (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2006, p. 104). Utilizando uma metáfora, a Epistemologia retrata o conhecimento impecável e manifestado de maneira exemplar, enquanto que a epistemografia abrange o conhecimento ausente, ao mergulhar tanto na área privilegiada dos domínios científicos quanto na vastidão das favelas do conhecimento (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2006).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A epistemografia reconhece a importância de lidar com as partes problemáticas do conhecimento, como o pluralismo lógico, a contradição e a má-fé argumentativa. Grupos e formadores intelectuais têm promovido a vigilância e aprimorado procedimentos para suprimir a autodestruição e torná-la evidente no outro. A repressão da contradição por parte daqueles que colonizam, evangelizam e exercem o imperialismo pode ocorrer de maneira consciente ou inconsciente, talvez por medo ou intimidação. No entanto, diante das circunstâncias que exigem desconstrução, um método positivo que oculta seu oposto não é viável. Portanto, a classificação eficiente e afetuosa do mundo requer liberar as forças da desclasificação. (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2006, p.107).

Dessa forma, a desclasificação se mostra como um instrumento de grande

importância na epistemografia, responsável por inserir o pluralismo lógico no âmago da classificação. Ao contrário da desclassificação, a classificação apresenta um mundo enquanto oculta outro, utilizando um método pré-estabelecido e dominante. O que levaria a uma mudança nesse sistema habitual de sistematização, em que estamos avançando, é a presença da desigualdade ao nosso redor, como a discriminação, a injustiça, o conformismo, as crenças infundadas, a falta de ética, o barbarismo relativista, entre outras adversidades (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2006).

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. O ensaio como forma. In G. Cohn (Org.), **Sociologia: Adorno** (pp. 167-187). São Paulo: Editora Ática, 1986.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CARNEIRO, A. S. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DAHLBERG, I. Knowledge organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**, 20(4), 211-222, 1993. Disponível em: [https://www.ergonverlag.de/isko\\_ko/downloads/ko\\_20\\_1993\\_4\\_w.pdf](https://www.ergonverlag.de/isko_ko/downloads/ko_20_1993_4_w.pdf). Acesso em: 20 jan. 2021.

FERNANDEZ-MOLINA, J. C. Enfoques objetivo y subjetivo del concepto de información. **Revista Española de Documentación Científica**, v. 17, n. 3, 1994, p. 320-331. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/327117412.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

FOGL, J. Relations of the concepts 'information' and 'knowledge'. International Fórum on Information and Documentation, **The Hague**, v.4, n.1, p. 21-24, 1979.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. *Transinformação*, Campinas, v.18, n.2, p.103-112, maio/ago. 2006.

MENEGHETTI, F. K. O que é um ensaio-teórico? Documentos e Debates. **Revista de Administração Contemporânea** . n. 15, v. 2. Abril, 2011. Available in: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010>. Acesso em: 18 nov. 2021.

MEDEIROS, M. B. B.; CAFÉ, L. M. A. **Organização da informação ou organização do conhecimento?**. 2013. Disponível em:  
<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/809>. Acesso em: 10 jan. 2021

SANTOS, Boaventura de Sousa (2007). Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 78, p. 3-46, out. Disponível em:  
[https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/147\\_Para%20alem%20do%20pensamento%20abissal\\_RCCS78.pdf](https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/147_Para%20alem%20do%20pensamento%20abissal_RCCS78.pdf). Acesso em: 12 mai. 2023.